

A Internet como Meio de Difusão do Radicalismo Islâmico

Francisco Costa Gonçalves

Doutorando/Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Licenciado em Direito e em História. Técnico Superior na Direção Geral dos Serviços Prisionais.

Resumo

O presente trabalho investiga o papel desempenhado pela *Internet* como meio de difusão do radicalismo islâmico, destacando o aparecimento de utilizadores (v.g. Younis Tsouli, Aabid Khan), que não se limitam a participar em *fora* radicais, mas que disseminam informação radical e incentivam a prática de actos terroristas *jihadistas*.

Para além disso, analisa as vantagens que a *Internet* oferece ao radicalismo islâmico, quer em termos de segurança dos utilizadores (aproveitando o anonimato), quer como meio de transmissão de informação e a sua relevância no processo de radicalização, com o objectivo de apontar algumas soluções para o combate deste fenómeno.

Abstract

Internet as a Diffusion Tool of Radical Islamism

The present paper pretends to analyze the role played by the Internet as a mean to diffuse radical Islamism, pointing out that the emergence of users (v.g. Younis Tsouli, Aabid Khan), that not only participated in radical forums, but disseminated radical information – and also incentivized the practice of terrorist jihadist acts.

Likewise it is important to analyze the advantages that Internet offers to radical Islamism – such as user's security, as a mean to supply information – and what is the relevance of the Internet in the process of radicalization, with the objective to pinpoint some solutions to combat this phenomenon.

“O teclado é igual à *Kalashnikov*”

Slogan Jihadista

Introdução

A Internet assume grande importância e relevo, permitindo a redução do custo das comunicações, fazendo com que o fluxo de informação seja quase grátis, possibilitando o acesso ilimitado a todo o conhecimento – e até a criação de redes sociais entre indivíduos. Aliás, é de destacar que, em 2008, muitos candidatos a Presidente dos EUA anunciaram as suas candidaturas, não em conferências de imprensa ou eventos, mas através de vídeos que circularam na Internet.

Porém, a Internet também é utilizada para a disseminação de propaganda radical ligada às actividades de organizações criminosas e terroristas. Efectivamente, no início dos anos 90 do século XX, o Exército Nacional de Libertação Zapatista foi o primeiro que utilizou a *Internet* com eficácia assinalável (Hoffman, 2006, 202). De resto, em 1998 menos de metade das 30 organizações terroristas apelidadas como tal pelo Departamento de Estado Norte-Americano possuíam um sítio na *Internet*. Ao invés, nos finais de 1999, a globalidade das sobreditas 30 organizações terroristas já tinham sítios na *Internet* (Weimann, 2006, 15).

Ora, a *Internet* também tem sido utilizada no que tange às actividades ligadas ao terrorismo *jihadista*¹ e a outras organizações radicais islâmicas, que apesar de não advogarem a utilização da violência, difundem ideias radicais. De igual forma, vários muçulmanos sociológicos² radicalizaram-se devido à informação retirada da *Internet*. Ademais, importa referir que para a preparação e pesquisa dos ataques do

1 Em termos metodológicos, utiliza-se o termo *jihadista* para qualificar este tipo de terrorismo, evitando-se a utilização de qualquer vocábulo relacionado como o Islão (v.g. terrorismo islâmico). O objectivo é diferenciar e isolar estes extremistas de outros crentes islâmicos. De resto, este tipo de terrorismo tem interpretado a “Jihad” como guerra – que tem de ser feita por qualquer islâmico contra o Ocidente. Porém, a palavra *Jihad* significa esforço feito pelo crente para se realizar num muçulmano melhor, possuindo vários significados empregues em diversos contextos, podendo assumir uma acepção bélica em alguns cenários, se se verificarem determinadas condições, mas observando limites específicos. Por conseguinte, a utilização da terminologia “terrorismo jihadista”, serve para identificar aqueles indivíduos que manipulam o conceito de *jihad* para prosseguir a sua agenda – distinguindo-se da esmagadora maioria dos crentes que professam a religião islâmica.

2 No que tange ao enorme manancial de variáveis presentes nas diversas comunidades islâmicas a residir na Europa (v.g. diferentes origens étnicas, linguísticas, práticas religiosas), acompanhamos Pinto (2006, 15), Fernandes (2006,15) e Roy (2007, 60), na utilização da terminologia “muçulmanos sociológicos”.

11 de Setembro de 2001 foi utilizada a Internet, quer na troca de correspondência electrónica, quer na escolha das escolas de pilotagem. Também circularam on-line os vídeos das decapitações de Nicolas Berg e de Daniel Pearl.

A Segurança do Radicalismo Islâmico na *Internet*: o Anonimato dos Utilizadores e da Informação

Como primeira referência, importa sublinhar que a utilização da Internet (apesar da sua globalidade), implica por parte do utilizador o preenchimento de alguns requisitos – o que exclui aqueles que sejam bastante pobres, na medida em que é necessário ter acesso a um computador e uma ligação em rede. Da mesma forma, a navegação pela *Internet* implica determinados conhecimentos técnicos que permitam navegar com segurança – nos quais se incluem o domínio da língua inglesa (Sageman, 2004, 162 e 163).

Posto isto, é importante frisar que a *Internet* pela tecnologia envolvida (sendo barata, rápida e facilmente acessível) possui um alcance global, onde ainda impera a pouca regulamentação, facilitando a troca de informação sob anonimato (Weimann, 2006, 29). Ademais, devido ao seu desenvolvimento tecnológico permite uma maior (e melhor) transmissão e qualidade da informação através do recurso às características multimédia: vídeos, fotografias, entre outros.

No que tange à busca de informação islâmica radical, não é necessário a um utilizador demorar muito tempo na pesquisa de um sítio islâmico específico, ou produzido numa linguagem específica. Efectivamente, muitos sítios de *hacking* islâmicos são adaptações de outros recursos e nesse sentido não podem ser uma grande ameaça para uma potencial ou existente actividade de *hacking* (Bunt, 2003, 45). Consequentemente, os diversos muçulmanos sociológicos que navegam na Internet à procura da sua identidade recorrem ao manancial de informação ali existente, sentindo-se seguros na sua utilização.

Neste contexto, é interessante observar que diversos sítios islâmicos se encontram alojados em servidores americanos, atendendo à sua fiabilidade, acessibilidade e ao maior desenvolvimento tecnológico. De salientar ainda, a protecção conferida pela Constituição dos EUA no que toca à liberdade de expressão, levando a um paradoxo: muitos sítios alojados em servidores americanos contêm material profundamente anti-americano.

Ora, como predito, o anonimato na *Internet* manifesta-se com especial acuidade na difusão de interpretações radicais do Islão, em dois domínios: o anonimato dos utilizadores bem como o anonimato da informação. No que respeita à identificação

dos utilizadores, é particularmente difícil avaliar as credenciais on-line de uma suposta autoridade do Islão (Bunt, 2003, 132), da qual alguns utilizadores se intitulam clérigos, pelo facto de citarem diversos versos do Corão que retiraram da Internet (Aivd, 2006, 47). Na realidade, como sublinha Jogman³ (2007, 17) estamos na presença do denominado *cut and paste Islam*, no qual utilizadores sem conhecimentos do Islão encontram e citam textos sem perceberem os seus fundamentos e o seu contexto.

No que diz respeito à origem das fontes de informação, esta manifesta-se através da proliferação de literatura radical facilitada pela existência de uma miríade de publicações presentes em numerosos sítios, que autorizam a utilização dessas mesmas ideias: “Copyright não se aplica a esta publicação. Use-a de acordo com os desejos de Deus e do Profeta” (Aivd, 2007, 53).

Em resultado disso, não havendo qualquer tipo de controlo, especialmente no que respeita à citação de fontes e à falta de produção de um espírito crítico sobre as mesmas, são geradas situações potencialmente perigosas – onde factos e ficção podem ser facilmente confundidos na *Internet* (Aivd, 2006, 43). Destarte, é perceptível a existência de sítios que apesar de conterem material islâmico e parecerem oficiais, não representam a opinião maioritária (Bunt, 2003, 136), assim se explicando a rápida difusão de qualquer ideologia totalitária.

As Vantagens da *Internet* na Circulação da Informação: a Interação com o Utilizador

As vantagens da Internet não se esgotam na existência de sítios que difundem propaganda radical, sendo importante frisar a crescente importância dos fóruns on-line, dos *blogs* e de outras ferramentas. Por outro lado, possibilita aos seus utilizadores (através da visualização de vídeos e imagens), uma percepção imediata das mensagens dos radicais – especialmente criando um novo ambiente social, onde os pensamentos e comportamentos extremistas são aceitáveis. No fundo, a Internet é poderosa porquanto dá voz a todos e de uma maneira igualitária – permitindo que as ideias extremistas se transformem numa câmara de eco (ICSR, 2009, 11 e 12).

De resto, no que concerne à utilização dos fóruns *on-line*, a comunicação é unidireccional mas também pode ser bidireccional, pois os seus administradores respondem a questões (Rogan, 2006, 25). Ademais, muitos utilizadores

3 Antigo Ministro da Defesa da Holanda.

dos fóruns redistribuem artigos de famosos *sheiks* e mostram vídeos e gravações áudio encorajando a sua redistribuição (Rogan, 2006, 21). Consequentemente, os fóruns desempenham o papel que anteriormente era executado quase exclusivamente pelas mesquitas radicais (Sageman, 2007, 121).

De igual forma, os administradores dos fóruns, quando detectam um utilizador com potencial, chamam-no para um *chat* privado, no qual lhe fornecem material de propaganda necessário para a sua doutrinação (Sageman, 2007, 119). Nesse sentido, o papel das salas de *chat* está a aumentar (Vidino, 2005, 85), especialmente a função desempenhada pelas mulheres (o anonimato potencia esse fenómeno), quer no recrutamento, quer na doutrinação – sendo a célula Hofstad um bom exemplo do papel das mulheres nesse contexto (Sageman, 2007, 112).

O uso de *blogs* no processo de doutrinação é um fenómeno recente embora diferentemente dos fóruns *on-line*, o seu objectivo não se esgote na tarefa de suscitar a discussão de determinadas questões. Na realidade, aquele consubstancia-se mais na distribuição de informação, oferecendo hiperligações para sítios – evitando assim a desvantagem da anarquia patente em alguns fóruns (Rogan, 2006, 22).

Porém, se o papel da Internet não escapou aos radicais, de igual modo também os Serviços e Forças de Segurança aumentaram a sua vigilância na Internet. Aliás, é elucidativo que, decorrente da investigação às actividades da célula de Hamburgo, se tenha descoberto que aquele grupo tinha recorrido à Internet para preparar as suas operações, especialmente via correio electrónico – sem que as autoridades tivessem exercido uma vigilância efectiva (Sageman, 2004, 159).

Perante este novo contexto, já é perceptível uma maior consciência na utilização da segurança por parte quer dos administradores de sítios islâmicos, bem como dos utilizadores que pretendem aceder a esses sítios. Destarte, os membros de fóruns *on-line* são encorajados a tomar medidas de segurança, como esconderem o seu *IP Address*, a limpar o historial dos seus *browsers* – sem esquecer a protecção das suas palavra-chave (Rogan, 2006, 28).

Urge ainda trazer a terreiro que determinados grupos usam os *fora on-line*, como o meio mais seguro, nos quais se dirigem a uma audiência mais específica e até permitem o acesso aos denominados *free-storage files* (Europol, 2007, 26). De igual modo, com o objectivo de evitar o seu reconhecimento através do *IP* do seu computador, bastantes utilizadores utilizam computadores em *ciber cafés*.⁴

4 Conforme refere Atwan (2006, 130), o grupo terrorista que matou Daniel Pearl enviou as fotografias do seu assassinato através de um *ciber café* em Karachi no Paquistão.

Por outro lado, diversos terroristas *jihadistas* colocam manuais on-line dentro de sítios perfeitamente legítimos nomeadamente em subdirectorias, elaborando inclusive rascunhos de correio electrónico, para que outros utilizadores os possam ler - na medida em que estes são alvo de menor vigilância (Gw Hpsi; Uva Ciag, 2007, 1). Ademais, alguns sítios já possuem sistemas de acesso onde é exigida uma palavra-chave, bem como mesmo nas salas de *chat*, os administradores utilizam vários estratégias com o escopo de aferir as verdadeiras intenções de cada utilizador. A título de exemplo, verificam se aqueles dominam a língua árabe ou possuem determinados conhecimentos específicos⁵ - além de utilizarem o *Google Toolbar* como *spyware* (Aivd, 2007, 53).

De igual maneira, importa frisar que o desenvolvimento da Internet levou ao aparecimento de novos fenómenos, incluindo a utilização da rede pela *Jihad* (denominada *e-Jihad*) e que foi introduzida por grupos palestinianos e israelitas durante a *intifada* denominada *Al Aqsa* de 28 de Setembro de 2000. De ambos os lados, consistia na utilização de *e-mail overloads*, onde a maior parte das armas eram variações do *denial of service* (Bunt, 2003, 145).

Por outro lado, reveste de uma maior importância a circulação de determinada informação que incentiva (e glorifica) a prática de determinados actos - que são apresentados como conformes à religião islâmica. Convém trazer à colação que no dia 29 de Junho de 2005, um grupo ligado a Al-Zarqawi, colocou na *Internet* um filme de 46 minutos denominado *All Religion will be Allah*. Neste filme, são patentes imagens de bombistas suicidas, emboscadas a militares americanos no Iraque, além da difusão de doutrina incentivando a prática de actividades terroristas *jihadistas*. Ora, este filme estava disponível em vários formatos (v.g. MPEG), incluindo uma versão em alta resolução, com a possibilidade de descarregar através de telemóvel (Atwan, 2006, 124).

Mas a função da utilização da propaganda via Internet também é utilizada como meio para influenciar a opinião pública internacional, salientando-se que diversos grupos terroristas *jihadistas* usam linguagem ocidental para passar a sua mensagem, utilizando conceitos como: "liberdade de expressão", "prisioneiros políticos", "direitos dos homens e das mulheres" - porquanto a opinião pública é sensível a estas matérias (Aivd, 2007, 71).

Na verdade, a difusão de propaganda na *Internet* possui amplas vantagens, porque ao contrário do que sucede na televisão e jornais (onde se escolhe qual o conteúdo das notícias a serem publicadas), as mensagens podem ser publicadas integralmente

5 Como salienta Atwan (2006, 139), bastantes salas de *chat* estão cheias de agentes sauditas, descobertos com relativa facilidade devido à linguagem inapropriada utilizada ou por manifestarem um súbito fervor religioso.

- e sem censura. Outro problema que a *Internet* não apresenta relaciona-se com a edição, salientando-se a título de exemplo que a *As-Sahab*, uma das companhias da *Al-Qaeda*, produziu um filme de 52 minutos, embora a televisão *Al-Jazeera* apenas tenha mostrado 5.45 minutos. Finalmente, a grande vantagem da propaganda na *Internet* consiste na repetição, fundamental na tarefa da doutrinação (Aivd, 2007, 69).

De facto, em 2008, o número de sítios de propaganda de terrorismo *jihadista*, que incluem tradução para línguas ocidentais aumentou significativamente no espaço europeu.⁶ Ademais, alguns grupos terroristas *jihadistas* expandiram a sua propaganda visando audiências específicas - para além de tentarem difundir a sua mensagem ao público em geral (Europol, 2010, 14).

Importa também salientar que a propaganda não é apenas utilizada por grupos terroristas *jihadistas*, mas também por organizações islâmicas radicais - ainda que estas não advoguem a utilização da violência. Neste campo, destaca-se o *Hizb ut-Tahrir*, que usa o papel da *Internet* com grande destreza propagandista visando alcançar os muçulmanos sociológicos que se sentem alienados nas sociedades em que vivem (Baran, 2004, 30). Esta difusão da propaganda é efectuada profissionalmente e interactivamente, denotando uma grande penetração e pequena margem de contradição. De facto, como sublinha Zeyno Baran (2004, 40): "O HT é uma das organizações com mais sucesso na Europa ocidental a recrutar jovens frustrados que perderam a fé no sistema do seu país natal".

A *Internet* e o Processo de Radicalização

Ainda relativamente à *Internet* como veículo da utilização da propaganda por grupos terroristas *jihadistas* qual é o papel desempenhado pela *Al-Qaeda*⁷ neste processo? Será que ainda funciona como entidade recrutadora?

6 A excepção foi justamente a Holanda, porquanto não apareceu em 2008, nenhum novo sítio em língua holandesa a fazer propaganda do terrorismo *jihadista* - e, actualmente, existem menos de dez (Aivd, 2009, 30).

7 Determinados autores defendem que foi a CIA que criou a *Al-Qaeda* - e que agora a organização criada se virou contra o criador: o denominado *blowback*. É certo que, tendo conhecimento deste tipo de crítica e para não perder a sua legitimidade e credibilidade, Bin Laden refuta este argumento na entrevista concedida à *Al-Jazeera* em Dezembro de 1998, salientando que estavam a fazer o seu dever ao apoiar o Islão no Afeganistão, mesmo que isso coincidissem com os interesses americanos na região. De resto, Bin Laden, na mesma entrevista (e para reforçar a sua argumentação) apresenta um fundamento histórico, frisando que quando os muçulmanos lutaram contra os bizantinos, na guerra que ocorreu entre bizantinos e persas, não se podia sustentar que os muçulmanos eram agentes persas (Lawrence, 2005, 87). Porém, anteriormente

É certo que o papel desempenhado pela *Al-Qaeda*⁸ na *Internet* não possibilita um recrutamento no sentido tradicional do termo, entendida esta como uma interactividade pessoal entre recrutador e recrutado. Porém, tal já não ocorre nas novas formas de recrutamento – no qual é perceptível que muitos jovens muçulmanos sociológicos querem juntar-se a um grupo terrorista *jihadista*, embora não saibam como proceder. A partir desta constatação surgem duas novas realidades: o sistema de conscrição e o sistema de auto-recrutamento.

Efectivamente, no sistema de conscrição, o conscrito individual ou em grupo vai à procura dos recrutadores, manifestando a sua vontade em participar na *Jihad* (v.g. combater no Iraque) e oferecendo os seus préstimos. Por outro lado, no sistema de auto-recrutamento, um indivíduo singular ou em grupo, decide abarcar a *Jihad* por sua própria iniciativa, criando uma célula terrorista. De resto, para sublinhar a

e em privado, Bin Laden confidenciara a membros da família real saudita que estava contente pela ajuda prestada pelos EUA na guerra do Afeganistão (Wright, 2007, 159). Todavia, esta perspectiva merece reparos na medida em que num contexto de Guerra Fria e na existência de um modelo bipolar, apoiar um grupo islâmico em particular era um procedimento normal – porquanto os EUA apoiavam qualquer grupo que combatesse os soviéticos. Como salientou o Secretário da Defesa dos EUA, Casper Weinberger: “Nós sabíamos que estávamos a lidar com fundamentalistas muçulmanos. Nós sabíamos que eles não eram boa gente e que não partilhavam dos ideais democráticos. Mas nós tínhamos esse problema terrível de ter de fazer escolhas” (Cordovez, Harison, 1995, 164). É certo que os EUA podem ser criticados por não terem antecipado a natureza desta ameaça – mas bem diferente é atribuir-lhes a paternidade do movimento de Bin Laden, especialmente porquanto a *Al-Qaeda* apenas foi criada em 1988 – e o *Maktab al Khidmat Lil Mujahideen al-Arab* (MAK), criada por Azzam em 1984, era bastante independente em relação ao Ocidente e ao Governo Paquistanês. Ademais, Marc Sageman (2004, 56 a 59) sustenta que existem argumentos que colocam em causa a teoria do “blowback”: Os EUA nunca treinaram nenhum membro da *Al-Qaeda* na medida em que a ajuda financeira era canalizada para os serviços de informações do Paquistão – e esses é que treinavam os mujahadin. Em segundo lugar, a hostilidade da *Al-Qaeda* para os EUA só começou a surgir depois do exílio forçado do Sudão. Por fim, os combatentes originais afegãos já não faziam parte do círculo da *Al-Qaeda* e aquela era uma organização diferente em termos de membros.

8 Conforme salienta Gerges (2005, 162, 201 e 202), a actuação da *Al-Qaeda* tem sido alvo de bastantes críticas dentro dos grupos terroristas *jihadistas*, nomeadamente por Bin Laden se arvorar em porta-voz de todos os muçulmanos, bem como as suas opções. Efectivamente, Abu al-Walid critica Bin Laden por ter levado ao derrube dos *taliban* do Afeganistão – o que implicou a destruição dos campos de treino e do seu santuário. Ademais, os livros de Mohammed Derbala “*Al-Qaeda Strategy: Mistakes and Dangers*” (2003) e de Nageh Ibrahim “*Islam and the Challenges of the Twenty-First Century*”, são elucidativos e demonstrativos do nível de crítica que a actuação da *Al-Qaeda* tem causado.

importância do auto-recrutamento, urge trazer à liça que, atento o relatório de 2009 da Europol (2010, 19) cerca de 2/3 dos indivíduos detidos no espaço europeu por suspeita de envolvimento no terrorismo *jihadista*, não estão ligados a organizações terroristas conhecidas.

Assim sendo, a *Al-Qaeda* assume na Internet um papel inspirador para a criação de movimentos que defendem as suas ideias e não o mero recrutamento para aquela organização. Realmente, neste processo dinâmico, deve ser salientado que a *Al-Qaeda* aumentou exponencialmente a qualidade dos seus sítios – e do seu material de propaganda (Sageman, 2007, 130). Na verdade, no ano de 2007, aquela organização disseminou bastante material via Internet traduzido numa variedade de línguas europeias (Europol, 2008, 28).

Todavia, o papel da *Al-Qaeda* na Internet não se resume apenas a um modelo para a criação de grupos, também se alarga ao campo da disseminação da sua ideologia. Efectivamente, se o sítio “*www.alneda.com*” foi o primeiro criado pela *Al-Qaeda* e desempenhou um papel importante no que concerne ao levantamento da moral após a queda do Afeganistão (Hoffman, 2006, 215), estão a surgir outros sítios que, embora não tenham sido criados pela *Al-Qaeda*, reclamam-se seguidores da sua ideologia.

A título de exemplo, o primeiro sítio associado à *Al-Qaeda* (embora não criado por aquela organização) foi o “*www.maalemAlJihad.com*”, criado em Fevereiro de 2000 por um seu simpatizante sedado no Egipto. Ora, o sítio foi criado na China, pois aquele país possuía tecnologia e especialmente porque os seus desenhadores não faziam ideia do que o simpatizante estava a escrever (Atwan, 2006, 127), sendo certo que este fenómeno está a aumentar: ou seja, a *Al-Qaeda* auto-reproduz-se na Internet.

Mas a Internet não se esgota apenas no papel da doutrinação, pois desempenha um papel fundamental na transmissão de informação sensível, indispensável para a prática de actos violentos – embora com algumas limitações. Neste âmbito, cumpre destacar a informação técnica que uma multiplicidade de sítios fornecem no que diz respeito à construção de explosivos caseiros, embora aprender tais técnicas apenas por intermédio da informação descarregada na Internet (ainda) não permite grande eficiência. É certo que existem sítios que permitem descarregar manuais de instruções que são baseados em fontes abertas – designadamente em manuais do Exército americano e de outras Forças Armadas de países ocidentais, embora estes manuais possuam algumas limitações.

A excepção é justamente o manual *Al-Battar Camp*, produzido pelo comité da *Al-Qaeda* na península arábica, que providencia ideologia e conhecimentos militares rigorosos no qual os seus leitores são encorajados a aprender o seu

conteúdo e a agir em nome individual. Contudo, se a *Internet* é entendida como um possível substituto para os campos de treino, aquela comporta desvantagens. Naturalmente, para almejar uma maior taxa de sucesso, os recrutas ainda têm de se deslocar a campos de treino como parte do seu processo de radicalização (Europol, 2010, 21).

Sintomático desta realidade, são os exemplos do atentado de Londres de 7 de Julho de 2005 (alguns explosivos não deflagraram) e do atentado (falhado) a dois comboios perto de Colónia em 31 de Julho de 2006. Na verdade, fabricar bombas e detoná-las com eficácia total apenas a partir de informações descarregadas da *Internet*, é um desafio (Sageman, 2007, 113), mas não é impossível.

No que diz respeito ao processo de radicalização, a maior ameaça emana da disseminação de propaganda via *Internet*, combinada com um número crescente de jovens muçulmanos sociológicos à procura dessa informação, pelo que se coloca a seguinte questão: a radicalização na *Internet* leva sempre à *jihadização*?

Ora, se é certo que o utilizador até pode procurar determinado tipo de interpretação radical do Islão, porém, a oferta na *Internet* contempla o terrorismo *jihadista*, como organizações radicais islâmicas que não sustentam o uso da violência – para além de existirem sítios que defendem um correcto entendimento sobre o Islão. Todavia, apesar de alguns grupos não advogarem o recurso à violência, as suas posições sobre o Islão podem levar o utilizador a tomar parte na *Jihad* (Aivd, 2007, 91 e 92), o que significa que a radicalização na *Internet* não implica automaticamente a *jihadização*.

Se ligarmos a esta realidade os jovens muçulmanos sociológicos como alvo, então torna-se claro que a *Internet* se torna o maior motor da radicalização (Aivd, 2007, 100). Aliás, vários exemplos podem ser realçados de como a *Internet* desempenhou um papel na radicalização de vários grupos terroristas *jihadistas*. No que tange à Célula de Madrid, urge salientar que no dia 10 de Dezembro de 2003 foi publicado no sítio *Global Media Islamic*, um documento de 42 páginas intitulado: “*Jihad no Iraque: Esperança e Perigos: Passos Práticos para a Jihad Abençoada*”.

Ora, naquele documento – escrito por alguém dentro da *Al-Qaeda* (Vidino, 2005, 292) – era feita a apologia de que os EUA deviam suportar sozinhos o fardo financeiro da guerra do Iraque, sendo para o efeito necessário afastar o apoio dos aliados. Assim sendo, era sugerido que a ocorrência de dois ou três atentados em Espanha podiam surtir esse efeito, especialmente com o aproximar de eleições. Por último, este documento estava no computador de elementos da Célula de Madrid (Sarhane e Abdelmajid) – e é entendido como decisivo na determinação do *timing*

dos atentados de Madrid de 11 de Março de 2004 (Silber, Bhatt, 2007, 46; Sageman, 2007, 110).

Da mesma maneira, também a radicalização de Bouyeri decorreu na *Internet*⁹ sendo tal constatação produzida pelo magistrado Frits Van Straelen que o acusou (Vidino, 2005, 349) – sendo certo que outros elementos da Célula Hofstad foram também radicalizados na *Internet* (Sageman, 2007, 110). Deve também ser sublinhado que os dois libaneses que tentaram colocar uma bomba em comboios alemães em 2006, também se radicalizaram via *Internet* (Aivd, 2007, 94). Por fim, importa trazer à colação que em Março de 2008, uma bomba explodiu em Exeter na Grã-Bretanha, sendo que a única vítima foi o suspeito de 22 anos (convertido ao Islão), que se auto-radicalizou através da literatura e da *Internet* (Europol, 2010, 18).

De igual forma, importa trazer a terreiro dois exemplos de indivíduos que se radicalizaram na *Internet* – mas cuja influência e amplitude dos seus actos são demonstrativos da ameaça do radicalismo islâmico na rede. O primeiro exemplo é o de Younis Tsouli, que sob o *nickname* de “Irhabi (Terrorist) 007”, passou de uma posição de obscuridade à liderança e participação de fóruns on-line extremistas (Gw Hpsi; Uva Ciag, 2007, 6), tendo sido condenado a 16 anos de prisão em Dezembro de 2007.

Na realidade, a sua radicalização ocorreu na *Internet* e se em 2003 se limitava a participar em *fora* radicais *online* – exortando à utilização da violência contra os infiéis –, já em 2004 começou a furta cartões de crédito *on-line*. Ademais, começou a aceder a sítios onde colocava mensagens da *Al-Qaeda* e disseminou informação atinente à construção de engenhos explosivos, chegando mesmo a comunicar com células terroristas *jihadistas*.

Como segundo exemplo, urge assinalar que em Junho de 2006, os Serviços e Forças de Segurança da Grã-Bretanha, encetaram uma série de detenções em Londres, Manchester, Bradford, Dewsbury, na denominada “Operação Praline”. Nesta operação, foram detidos, Aabid Hussain Khan (22 anos), Sultan Mohamed (21 anos) e Hammaad Munshi (16 anos). De resto, o procurador Karen Jones afirmou que “As provas sustentam que Khan era um apoiante activo e determinado da ideologia da *Al-Qaeda*” (Kohlmann, 2008, 1), tendo em Agosto de 2008, sido considerados culpados e condenados a 12 (Khan) e a 10 (Mohamed) anos de cadeia.

⁹ É importante referir que Bouyeri (usando o *nickname* de Abu Zubair) transcreveu obras de Mawdudi e de Qutb para diversos sítios – bem como transcreveu manifestos e panfletos (Nesser, 2005, 15).

Ora, a missão de Khan¹⁰ e dos seus associados era muito mais do que trocar propaganda de terrorismo *jihadista* em redes sociais. Na verdade, para além de encorajar os muçulmanos sociológicos a praticarem atentados suicidas, também começaram a conspirar na preparação de ataques na Grã-Bretanha, Canadá e nos EUA (Kohlmann, 2008, 5). Para o efeito, Khan utilizou o *E-Bay* (e outros sítios comerciais similares na *Internet*), tentando adquirir químicos voláteis e outro tipo de equipamento usado no fabrico de engenhos explosivos.¹¹

Acima de tudo, Khan disseminava informação radical e, aproveitando-se de pessoas influenciáveis, usava a *Internet* para os atrair para a sua causa, incluindo a marcação de passagens para o Paquistão – para frequentarem campos de treino terroristas. Refira-se ainda que Khan denotava uma especial preocupação com a segurança das suas actividades e, com a ajuda da sua companheira Saima (e das suas amigas das redes sociais), procurava potenciais “esposas” para casarem com indivíduos que queriam viajar para o Paquistão. Efectivamente, conforme sustenta Kohlman (2008, 8), Khan entendia que indivíduos casados seriam alvo de menos atenções dos Serviços de Informações.

Por conseguinte, por tudo quanto foi expendido, a *Internet* é um catalisador do processo de radicalização devido às tecnologias associadas e à fácil disseminação da propaganda, auxiliadora de uma simples doutrinação:

“Ao passar determinadas mensagens e vídeos, ao longo do tempo, justificando-os como verdadeiros, resulta numa cultura em que indivíduos estão receptivos a pensar que a Jihad é normal. Isto significa que a Internet desempenha um papel no processo de radicalização” (Aivd, 2007, 93).

O Combate ao Radicalismo Islâmico na *Internet*

Perante a proliferação de sítios que disseminam visões distorcidas do Islão será que o seu simples encerramento resolverá este problema? É certo que o encerramento de inúmeros sítios islâmicos radicais foi uma consequência do 11 de Setembro de 2001. Efectivamente, alguns foram alvos de ataque por elementos pertencentes

10 De salientar que Khan provinha de uma família religiosa e ortodoxa muçulmana e que desde 1997, com apenas 12 anos, possuía um computador com acesso à internet (Kohlmann, 2008, 2).

11 O disco do computador de Khan, apreendido no aeroporto de Manchester em 2006, continha extensos ficheiros ligados à produção e manufactura de todo o tipo de explosivos (Kohlmann, 2008, 13).

a organismos americanos e europeus – bem como diversos administradores de redes também os desligaram (Bunt, 2003, 82). Todavia, isso não impediu que alguns lapsos ocorressem, como foi o caso do sítio oficial dos *Taliban*, “*Taliban News*”, que estava registado num servidor americano e esteve *on-line* durante 6 meses após o 11 de Setembro de 2001 (Bunt, 2003, 69).

Por um lado, é certo que o encerramento de sítios radicais conduz à perda deste tipo de informação, embora seja bastante difícil encerrar todos os sítios de terroristas *jihadistas*. De igual maneira, é questionável a eficácia de tal opção, na medida em que todo o seu conteúdo é gravado e assim torna-se fácil transferir esse conteúdo para novos sítios, sendo paradigmático que a *Al-Qaeda* tenha procedido sempre dessa mesma maneira (Weimann, 2006, 8). Contudo, a opção por manter abertos determinados sítios, confere-lhes legitimidade (Rogan, 2006, 33), mas nesse caso os seus conteúdos podem ser expostos e alvo de contraditório por parte de utilizadores especialmente contratados para o efeito.

Posto isto, devido à globalização e à proliferação de sítios radicais islâmicos, Marc Sageman (2004, 157) entende que contrariar as razões religiosas radicais via Internet não surtirá efeito – embora tal perspectiva mereça reparos. Afinal, como se combaterá uma ideologia que distorce conceitos, se não se contrabalançar a mesma? Deste modo, como contrapõe Weimann (2006, 181) a *Internet* é um dos espaços onde se contraria essa ideologia, especialmente fazendo uso da denominada “diplomacia virtual” – através da qual os sítios deverão ser alvo de uma especial atenção.

A título de exemplo, pode ser adoptado ao ciberterrorismo (com as devidas adaptações) o modelo de Singapura criado para controlar a pornografia e o comércio electrónico (Weimann, 2006, 181). Por outro lado, é preciso apostar na contra-informação, para se rebater as ideias extremistas, por exemplo criando “potes de mel” ou seja sítios que se assemelham a extremistas – mas onde é colocada a correspondente contra-informação (Gw Hpsi; Uva Ciag, 2007, 26).

Actualmente, apesar da tecnologia existente, quer para a segurança das informações, quer para descodificação de informação considerada pertinente, a utilização de algumas ferramentas colocam dúvidas no tocante aos direitos, liberdades e garantias que é necessário salvaguardar. É certo que alguma desta tecnologia não carece de reparos, salientando-se o sistema *Carnivore* – que basicamente consiste numa espécie de escuta telefónica ligada à *Internet*. O escopo desta tecnologia permite interceptar grandes volumes de *e-mails* e de outras formas de comunicação *on-line*, sendo um sistema passivo porquanto não altera conteúdos ou mensagens ao chegarem ao seu destino, com a inegável vantagem de armazenar milhões de *e-mails* por segundo (Weimann, 2006, 184 a 185).

Contudo, se o *software Magic Lantern* possui inúmeras vantagens (v.g. gravação de todas as palavras usadas pelo utilizador, o que permite a posterior decodificação de mensagens) a instalação no computador do suspeito coloca alguns obstáculos. Na verdade, ao passo que o sistema *Carnivore* é instalado entre o computador do suspeito e a *Internet*, nomeadamente no servidor, o *Magic Lantern* é instalado no computador do suspeito, o que significa que é uma invasão de privacidade – necessitando assim de uma autorização judicial (Woo, So, 2002, 533 a 538).

De igual forma, se se pretender encerrar um sítio, também se devem acusar os indivíduos responsáveis pela produção, publicação e disseminação dos seus conteúdos. Na verdade, o enfoque nos indivíduos é fundamental na medida em que o pessoal envolvido na administração de sítios e fóruns é relativamente pequeno em relação aos números que atraem – para além de retirar a argumentação aos *ihadistas* on-line de que estão a ser vítimas de perseguição governamental.

Acima de tudo, é fundamental que as acusações às pessoas envolvidas nestes sítios sejam devidamente sustentadas, que levem a uma probabilidade elevada na condenação, assente na seguinte fórmula: “menos é mais” (Gw Hpsi; Uva Ciag, 2007, 26). De facto, fazer acusações a uma miríade de pessoas, que depois são absolvidos por falta de provas, pode gerar efeitos contraproducentes. A título de exemplo, veja-se o caso de Samina Malik (denominava-se como “terrorista lírica”), acusada de possuir gravações que seriam usadas para o terrorismo *ihadista*. Ora, é certo que estava em contacto com figuras *ihadistas* – mas os seus escritos tinham pouco relevo e impacto. Sucede porém que, ao ter sido arquivada a acusação, os seus poemas ganharam grande relevância e cresceu exponencialmente o seu protagonismo, transmitindo a mensagem que o apoio ao terrorismo *ihadista* era aceitável (Gw Hpsi; Uva Ciag, 2007, 26 a 28).

Conclusões

Por tudo quanto foi discorrido, extraem-se as seguintes conclusões:

1. As novas tecnologias associadas à *Internet* permitem uma ampla disseminação da propaganda associada ao radicalismo islâmico – potenciada pelo anonimato dos utilizadores e das fontes.
2. A *Internet* desempenha um papel relevante no processo de radicalização dos indivíduos no extremismo islâmico – inclusive na aceitação da prática de actos terroristas.

3. A *Internet* é um espaço onde deve ser combatida esta propaganda radical, na qual os sítios devem ser alvo de uma apertada fiscalização e recorrendo a uma “diplomacia virtual”.

Bibliografia

- Aivd «General and Security Service», 2006. *Violent Jihad in the Netherlands. Current Trends in the Islamist Threat*, <http://www.fas.org/irp/world/netherlands/violent.pdf>, (data de acesso em 22 de Junho de 2007).
- _____, 2007. *Jihadis and the Internet*, <http://www.fas.org/irp/world/netherlands/Jihadis.pdf>, (data de acesso em 22 de Junho de 2007).
- _____, 2009. *Annual Report 2008*, <http://www.fas.org/irp/world/aivd-2008.pdf>, (data de acesso em 2 de Março de 2009).
- Atwan, Abdel Bari, 2006. *The Secret History of al-Qa'ida*, London: Saqui Books.
- Baran, Zeyno, 2004. *Hizb Ut-Tahrir. Islam's Political Insurgency*, The Nixon Center, www.nixoncenter.org/Monographs/HizbutahrirIslamsPoliticalInsurgency.pdf, (data de acesso em 23 de Julho de 2007).
- Bunt, G.R., 2003. *Islam in the Digital Age. E-Jihad, Online Fatwas and Cyber Islamic Environments*, London: Pluto Press.
- Burke, Jason, 2004. *Al-Qaeda: A História do Islamismo Radical*, Lisboa: Qetzal Editores.
- Burleigh, Michael, 2009. *Blood and Rage, a Cultural History of Terrorism*, London: Harper Perennial.
- Castells, Manuel, 1996. *The Rise of the Network Society*, Oxford and Malden: Blackwell.
- Cordovez, Diego, Harrison, Selig S., 1995. *Out of Afghanistan*, New York: Oxford University Press.
- Europol, 2008. *EU Terrorism Situation and Trend Report 2007*, http://www.europol.europa.eu/publications/EU_Terrorism_Situation_and_Trend_Report_TE-SAT/TE-SAT2007.pdf, (data de acesso em 23 de Julho de 2007).
- _____, 2009. *EU Terrorism Situation and Trend Report 2008*, http://www.europol.europa.eu/publications/EU_Terrorism_Situation_and_Trend_Report_TE-SAT/TE-SAT2008.pdf, (data de acesso em 28 de Novembro de 2008).

- _____, 2010. *EU Terrorism Situation and Trend Report 2009*, http://www.europol.europa.eu/publications/EU_Terrorism_Situation_and_Trend_Report_TE-SAT/TE-SAT2009.pdf, (data de acesso em 6 de Março de 2010).
- Fernandes, José Pedro Teixeira, 2006. *Islamismo e Multiculturalismo, As Ideologias Após o Fim da Historia*, Coimbra: Almedina.
- Farouki, Suah Taji, 1996. *A Fundamentalist Quest: Hizb al Tahrir and the Search for the Islamic Caliphate*, London: Gray Seal.
- Gerge, Fawaz A., 2005. *The Far Enemy: Why Jihad Went Global*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Guedes, Armando Marques, 2007. *Ligações Perigosas – Conectividade, Coordenação e Aprendizagem em Redes*, Coimbra: Almedina.
- Gunaratna, Rohan, 2004. *No Interior da AL-Qaeda, Rede Global do Terror*, Lisboa: Relógio d'Água.
- GW HSPI «George Washington – Homeland Security Policy Institute», UVA CIAG «University of Virginia – Critical Incident Analysis Group», 2007. *Networked Radicalization: A Counter-Strategy*, http://www.gwumc.edu/hspi/old/reports/NETworked%20Radicalization_A%20Counter%20Strategy.pdf, (data de acesso em 22 de Julho de 2010).
- Hoffman, Bruce, 2006. *Inside Terrorism*, New York, Columbia University Press.
- ICSR «The International Centre For The Study Of Radicalization And Political Violence», 2009. *Countering Online Radicalization, A Strategy For Action*, <http://www.icsr.info/publications/papers/1236768491ICSROnlineRadicalisationReport.pdf>, (data de acesso em 13 de Abril de 2010).
- Jogman, Berto, 2007. *Terrorism and Diasporas in the Netherlands*, in Hoffman, Bruce; Roseneau, William; Curiel, Andrew J.; Zimmermman, Doron, *The Radicalization of Diasporas and Terrorism – Joint Conference*, Rand Corporation, and Center for Security Studies, ETH Zurich, www.rand.org, (data de acesso em 22 de Julho de 2008).
- Kolmann, Evan F., 2008. *Anatomy of a Modern Homegrown Terror Cell: Aabid Khan et al. (Operation Pareline)*, NEFA «The Nefa Foundation», www.nefafoundation.org, (data de acesso em 23 de Julho de 2010).
- Lawrence, Bruce, 2005. *Messages to the World. The Statements of Osama Bin Laden*, London: Verso.

- Mcdermott, Terry, 2005. *Perfect Soldiers: The 9/11 Hijackers: Who They Were, Why They Did It*, HarperCollins.
- Nesser, Petter, 2004. *Jihad in Europe. Exploring the Sources of Motivations for Salafi-Jihadi Terrorism in Europe Post-Millennium*, FFI «Norwegian Defence Research Establishment», Oslo, http://www.mil.no/multimedia/archive/00041/Jihad_in_Europe_41340a.pdf, (data de acesso em 23 de Junho de 2007).
- _____, 2005. *The Slaying of the Dutch Filmmaker – Religiously motivated Violence or Islamist Terrorism in the Name of Global Jihad?* FFI «Norwegian Defense Research Establishment», <http://rapporteur.ffi.no/rapporteur/2005/00376.pdf>, (data de acesso em 17 de Agosto de 2008).
- Oliver, Roy, 2007. *Secularism Confronts Islam*, New York, Columbia University Press.
- Pargeter, Alison (2008), *The New Frontiers of Jihad: Radical Islam in Europe*, University of Pennsylvania Press.
- Pinto, Maria do Céu (Coord), 2006. *O Islão na Europa*, Lisboa, Prefácio,
- Rogan, Hanna, 2006. *Jihadism Online – A Study of How Al-Qaida and Radical Islamists Groups Use the Internet for Terrorist Purposes*, FFI, «Norwegian Defense Research Establishment», <http://www.investigativeproject.org/documents/testimony/48.pdf>, (data de acesso em 27 de Junho de 2007).
- Sageman, Marc, 2004. *Understanding Terror Networks*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____, 2007. *Leaderless Jihad: Terror Networks in the Twenty-First Century*, University of Pennsylvania Press.
- Silber, Mitchell D., Bhatt, Arvin, 2007. *Radicalization in the West: The Homegrown Threat*, New York Police Department, http://www.nypdshield.org/public/SitioFiles/documents/NYPD_Report-Radicalization_in_the_West.pdf, (data de acesso em 27 de Julho de 2008).
- Tibi, Bassam, 2001. *Islam Between Culture and Politics*, New York, Palgrave;
- _____, 2002. *The Challenge of Fundamentalism, Political Islam and the New World Disorder*, Berkley: California University Press.
- Vidino, Lorenzo, 2005. *Al Qaeda in Europe: The New Battleground of International Jihad*, New York: Prometheus Books.
- Weimann, Gabriel, 2006. *Terror on the Internet: The New Arena, the New Challenges*, The United States Institute of Peace.

Woo, Christopher, So Miranda, 2002. *The Case For Magic Lantern: September 11 Highlights The Need For Increased Surveillance*, *Harvard Journal of Law & Technology* Volume 15, Number 2, spring 2002, pp. 533 a 538, jolt.law.harvard.edu/articles/pdf/v15/15HarvJLTech521.pdf, (data de acesso em 23 de Abril de 2007).

Wright, Lawrence, 2007. *A Torre do Desassossego, O Percurso da Al-Qaeda até ao 11 de Setembro*, Lisboa: Casa das Letras.